

## Uma crackolândia de Governador Valadares: Abordagem territorial a partir de imagens do sistema de monitoramento olho vivo

### RESUMO

palavras-chave:  
Território.  
Crack.  
Políticas Públicas;  
Governador Valadares.

A contemporaneidade é marcada por uma série de problemas sociais cujas dimensões têm desafiado a capacidade de resposta e solução por parte de atores diversos, dentre eles, a comunidade científica. Dentre esses desafios, inclui-se a caracterização adequada dos territórios em que se inserem as crackolândias – os locais que concentram usuários de crack e outras drogas – e as territorialidades vivenciadas nesses espaços. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é caracterizar um dos principais territórios de usuários de crack em Governador Valadares, município do estado de Minas Gerais, mais especificamente a cena de uso próxima ao Mercado Municipal. Procedeu-se à abordagem bibliográfica e documental, destacando-se nesta última a análise das imagens do vídeo monitoramento do Programa “Olho Vivo” que, por suas especificidades, foram analisadas separadamente das demais fontes documentais e cujos resultados foram o foco deste artigo. Por fim, apresentam-se sugestões para estudos futuros, bem como mudanças de procedimentos e políticas públicas adequadas às singularidades do território em estudo.

### ABSTRACT

keywords:  
Territory  
Crack.  
Cocaine.  
Public policy.

The contemporaneity is marked by a series of social problems whose dimensions have challenged the responsiveness and solution ability by various actors, including the scientific community. Among these challenges included the characterization of the territories in which operate the crackolândias – sites that concentrate crack and other drugs users – and the territorialities experienced in these spaces. In this sense, the purpose of this article is to characterize one of the main territories of crack users in Governador Valadares-MG, more specifically the scene of use next to the Municipal Market. It was proceeded to the bibliographic and documentary approach, highlighting the analysis of video monitoring images of the “Olho Vivo”, which by their specificities, were analyzed separately from the other documentary sources, and whose results were the focus of this article. Finally, suggestions were presented for future studies, as well as changes in procedures and public policy suited to the uniqueness of the territory under study.

\*Doutorando em Comunicação, Unisinos, Capitão PMMG, bolsista da Fapemig, fariasbraga@gmail.com  
\*\*Ph.D em Migrações - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa ; Professor da Universidade do Vale do Rio Doce (UNIVALE). mauroasantos@gmail.com

### Introdução

A contemporaneidade é marcada por uma série de problemas sociais cujas dimensões têm desafiado a capacidade de resposta e solução por parte de atores diversos, dentre eles, a comunidade científica.

O mundo moderno tem vivenciado sérios problemas sociais que desafia os mais diversos atores na busca por soluções – como, por exemplo, o Estado, a população em geral, as organizações não-governamentais e a comunidade científica. Dentre esses desafios, inclui-se a caracterização adequada dos territórios, assim como da relação desses com os problemas por eles abrigados – ou que são a razão de sua existência.

Dentre as lacunas e contradições territoriais abstraídas da análise dos espaços modernos, insere-se a eclosão das famigeradas crackolândias nas metrópoles e nas cidades de grande e médio porte e as territorialidades desses espaços de confusão entre o público e o privado, o lugar e o não-lugar, além das formas de domínio e apropriação desses espaços.

Em uma breve contextualização espaço-temporal, sabe-se que a discussão voltada para as drogas, de um modo geral, é algo antigo e mundial, datando os primeiros usos de entorpecentes registrados entre 5000 a.C. a 7.000 a.C.<sup>1</sup>, mas muito além disso, causou conflitos<sup>2</sup> e respostas diversas por meio de convenções, tratados e outros documentos afins.

Nesse sentido, pela ótica contemporânea, o problema das drogas, tratado de forma mercadológica, obriga o Estado a pensar tanto na prevenção da oferta quanto da demanda, e, conseqüentemente, criar políticas públicas nas áreas de segurança e saúde. Contudo, sem o conhecimento das nuances e peculiaridades do problema, torna-se bastante árdua essa tarefa e, em se tratando das “cenas de uso”, o objeto de estudo é ainda mais complexo e dinâmico, uma vez que há diversos aspectos que influenciam na continuidade desses territórios, desde as relações intersubjetivas estabelecidas, até os espaços sobre os quais elas ocorrem.

Nesse pensar, vê-se que os problemas sociais relacionados ao uso de drogas de-

<sup>1</sup> Registros como a embriaguez de Noé na Bíblia, ou da maconha no Egito antigo, são comumente apontados para justificar tais datas, entretanto, não se sabe ao certo quando ocorreram as primeiras experiências humanas com as substâncias entorpecentes, havendo inclusive inferências de possíveis consumos de cafeína pelo homem pré-histórico.

<sup>2</sup> Como exemplo, temos o caso do ópio, que motivou dois conflitos entre britânicos e chineses: a primeira e a segunda Guerra do Ópio (1839-1842 e 1850-1860).

vem ser tratados de modo interdisciplinar, especialmente, porque também dizem respeito a uma questão de saúde pública e, quando se delimita o objeto de estudo para uma “cena de uso”, há a inclusão de um ou mais territórios. Quando se propõe a caracterização desses territórios e de suas territorialidades, os processos socioterritoriais que ali operam podem ser enfocados de diversas maneiras.

Dentro desse contexto é que se propõe o estudo de um dos principais territórios de usuários de crack em Governador Valadares - MG, mais especificamente a “cena de uso” próxima ao Mercado Municipal, situada à Rua Bárbara Heliodora, no quarteirão entre as ruas Vereador Euzebinho Cabral e José Luiz Nogueira, e em suas proximidades. A questão que norteia este trabalho é: Como se configura esse território?

Tem-se, como hipótese principal, que o território da crackolândia em estudo é formado principalmente por seus aspectos materiais, cujas condicionantes ambientais contribuíram para sua depreciação histórica, perpetuando a sua condição de lugar à margem da sociedade e, principalmente, de periferia da área central.

Nesse mesmo lugar, em um passado não muito distante, estavam localizadas as zonas boêmias do município. Além disso, a “cena de uso” situa-se próxima ao Mercado Municipal e a uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais – o que corresponde à realidade de outras crackolândias do país, como a Praça da Sé, alvo de muitos estudos nos últimos anos – e tem uma aparência degradante que se destaca dos demais pontos do Centro da cidade, colocando-lhe, não raras as vezes, na condição de uma das periferias do Centro.

Dentro da discussão apresentada, abstrai-se um problema social referente ao uso explícito e crescente de uma droga que deprecia um espaço público e, ao mesmo tempo, questiona essa sua condição tornando-o privado, na medida em que territorialidades se estabelecem de forma a expulsar estranhos, a ponto de transformá-lo em um lugar de uso/fruição particular, no caso, dos envolvidos na atividade ilícita.

Como metodologia, adotou-se como principal método de procedimento o monográfico, de modo a estudar o tema profundamente observando a sua respectiva delimitação temática, temporal<sup>3</sup> e geográfica. Quanto ao conceito operativo, procedeu-se à abordagem bibliográfica e documental, destacando-se nesta última a análise das imagens do vídeo monitoramento do Programa “Olho Vivo”<sup>4</sup>, que por sua especificidade, foram analisadas separadamente das demais fontes documentais. A análise desses dados filmicos sob um prisma territorial e os seus respectivos resultados são o foco da discussão proposta no presente artigo.

<sup>3</sup> Com relação à delimitação temporal, a pesquisa teve seu foco nos anos de 2013 e 2014, além do período de janeiro a março de 2015. Contudo, dados e documentos anteriores também foram utilizados na complementação e estudo sobre a história do local.

<sup>4</sup> O Programa “Olho Vivo”, conforme se abstrai do sítio eletrônico da Secretária de Estado de Defesa Social (SEDS), “consiste no videomonitoramento de imagens geradas por câmeras estrategicamente distribuídas em regiões com altos registros de ocorrências de criminalidade contra o patrimônio”. É uma ferramenta importante para a prevenção e repressão deste tipo de criminalidade nas áreas instaladas. Em Governador Valadares, o sistema está funcionando desde 26 de novembro de 2011, sendo composto por 54 câmeras, sendo 44 na região central da cidade e outras 10 no bairro Nossa Senhora das Graças.

<sup>5</sup> Conforme dados da Seção de Inteligência da 8ª Região da Polícia Militar (8ª RPM), a Polícia Militar apresenta números bastante elevados de apreensões em flagrante pelo crime do tráfico de drogas, sendo que em 2014, a referida força policial apreendeu no município mais de 270,5 Kg de maconha prensada e mais de 19 kg de pasta base de cocaína.

## 1. Breve descrição da área estudada

Como se abstrai de Haesbaert (2014) e Raffestin (1993), a descrição de um território acaba por ser, outrossim, uma descrição da população que compõe aquele. Destarte, em complemento à descrição física da área, foram feitas na pesquisa observações sobre os atores sociais que a compõe (usuários de drogas, comerciantes, policiais e outros representantes do poder público).

Embora se tenha conhecimento da inseparabilidade e interdependência da perspectiva material da simbólica, neste trabalho priorizaram-se as discussões voltadas para a dimensão concreta do território, ou seja, a sua materialidade.

Como ensina Santos (2004, p. 120), “O todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo”. Assim, deve-se ressaltar que Governador Valadares é um município do interior do Estado de Minas Gerais que se situa na mesorregião do Vale do Rio Doce, no leste do Estado, com a maior parte de seu território à margem esquerda do Rio Doce. Trata-se de um polo econômico da referida mesorregião, exercendo significativa influência sobre o leste e nordeste de Minas Gerais e municípios do estado do Espírito Santo.

Salienta-se que o município é servido pela Estrada de Ferro Vitória-Minas, da Companhia Vale, pelas rodovias federais Rio-Bahia (BR-116) e BR-381, sendo que por meio desta última se liga à capital do Estado (Belo Horizonte) da qual dista 324 km. O município é também cortado pela BR-259, que liga os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, assim como por rodovias estaduais, que dão a Governador Valadares uma posição geográfica privilegiada.

O encontro das rodovias é um ponto favorável do município que o põe na condição de lugar de transição na escolha de rotas de vários viajantes. Todavia, esse mesmo aspecto que é visto como positivo, tratando-se do tráfico de drogas, faz com que o município também seja uma escolha na rota do tráfico, o que é uma das explicações para a grande quantidade de droga apreendida todos os anos pelos órgãos policiais atuantes em seu território<sup>5</sup>.

Com relação aos aspectos populacionais, Governador Valadares é uma cidade

de porte médio, com população de 263.689 habitantes, segundo os dados do Censo Demográfico de 2010, possuindo uma densidade demográfica de 112,58 hab/km<sup>2</sup>, sendo o 9º município mais populoso do Estado e o 90º do Brasil.

No que se refere à evolução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), importa destacar que esse passou de 0,635, em 2000, para 0,727, em 2010, obtendo crescimento de 14,49%. Contudo, pelas últimas duas décadas, entre 1991 e 2010, apesar da cidade apresentar um incremento no seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 43,11%, ele ficou abaixo da média de crescimento nacional (47,46%) e abaixo da média de crescimento estadual (52,93%), o que implica em uma inferior melhoria da qualidade de vida do valadarense em relação aos cidadãos mineiros e brasileiros em geral<sup>6</sup>.

Segundo Minas Gerais (2014), há dezenove (19) aglomerados na cidade, os quais estão diretamente ligados aos 17 bolsões de pobreza existentes no município, conforme dados da Secretaria Municipal de Assistência Social. Com relação aos aglomerados, Lunardi (2011) destaca que esses são caracterizados pela miséria e falta de infraestrutura, como ausência de rede de esgoto, por exemplo, que torna visível a desigualdade social.

Com relação ao Centro na condição de um bairro da cidade, torna-se necessário, ainda que de forma propedêutica, apresentar que etimologicamente a palavra bairro pode ser referenciada ao latim *barrium* (parte do território de qualquer povoação) e ao árabe *barri* (de fora, separado), o que não se distancia muito da definição do vernáculo: “Cada um dos núcleos habitacionais, industriais ou comerciais em que uma cidade é dividida”. (fonte do verbete).

Não obstante as diferenças existentes entre o etimológico e o lexical, esses guardam uma notável semelhança intrínseca, que é o fato de ambos serem percepções exteriores ao objeto, e por isso, guardam a mesma limitação no que se refere aos aspectos relacionais intra bairro. Por outro lado, a caracterização do bairro pelo sentimento de localidade dos moradores de Barros (2004) é demasiado oportuna, pois não considera aquele apenas decorrente da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e pessoas no espaço. Dentro dessa ótica, o simples ato de delimitação de uma área como bairro não a qualificaria como tal, pois lhe faltaria o componente das relações intersubjetivas.

Como ressaltado por Gonçalves (2003, p. 123), pertencer “a uma cidade, vila ou bairro, não é apenas viver nela, mas sim participar ativamente de seu cotidiano, de seus ritos e costumes”. Por esse prisma, o mesmo autor, ao proceder a uma análise da cidade de Campinas, observa que, no início, a organização do território ocorreu basicamente em função das condições geográficas impostas pelo terreno. Contudo, depois de iniciada a urbanização, essas condições perderam a força e a organização da população passou a ser em conformidade com o seu poder aquisitivo.

Assim, torna-se demasiado oportuna a reflexão de Certeau (2011, p. 40) no sentido de que o bairro é “um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário do bairro uma parcela conhecida do espaço urbano na qual positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido”. Nesse sentido, esse espaço, que se tornaria gradativamente privatizado em função do seu uso quase cotidiano, não pode ser compreendido sem se caminhar dentro dele, observá-lo e ouvir como seus usuários se sentem como parte dele.

Superada essa etapa de se entender o que vem a ser o centro na perspectiva teórica de um bairro, adentra-se ao conhecimento concreto do Centro de Governador Valadares, com o intuito de caracterizá-lo como o que é delimitado como bairro central para o município, assim como vislumbrar suas diferentes possibilidades além dessa delimitação formal. Por esse prisma, com o objetivo imediato de trazer à tona o que a própria administração municipal considera como região central, observa-se que no mapa da divisão territorial do centro da cidade, a noção de centralidade, no sentido de que são vários centros e não somente um, é utilizada pela própria Administração Municipal, como forma de se organizar administrativa e politicamente.

No mapa mencionado, o Centro da cidade se subdivide nos centros A, B e C, que, embora conjugados componham o mesmo bairro ou unidade territorial nominal, foram separados devido à necessidade de se enxergar as particularidades dos “centros do centro”. O centro A poderia ser considerado como a parte mais “elitizada” do Centro, e talvez não seja coincidência que seja qualificado como o “A”, uma vez que o seu contato direto se dá apenas com bairros nobres. Já o centro B, assim como o C, também se liga a bairros de maior vulnerabilidade social e, em alguns pontos, possui condição de infraestrutura tão precária que não é reconhecido como centro.

Dentre esses pontos degradados do centro B, destaca-se a região da crackolândia do mercado municipal, que é o objeto de estudo da pesquisa em discussão. A área é degradada, frequentada por usuários e até traficantes de drogas e, no passado, constituiu a região da Zona Boêmia que teria perdurado em atividade até pouco tempo atrás.

A região também, como constatado na pesquisa, é historicamente marginalizada.

<sup>6</sup> Dados obtidos no Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/IDH/Default.aspx?indiceAccordion=1&li=li\\_AtlasMunicipios](http://www.pnud.org.br/IDH/Default.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasMunicipios)> Acesso em: 22/06/2016.

Um exemplo disso é visto no livro de Santos (2006), por exemplo, que traz “100 anos de fotografias” da história de Governador Valadares desde os tempos de Figueira. Não foi encontrada, em meio a tantas fotografias, uma única que abarcasse a estrutura do Mercado Municipal. É importante destacar nesse sentido que o livro, em sua página 23, que teve o tema “Comércio é atividade das mais antigas”, trouxe até a imagem aérea do jovem “GV Shopping Center”, que foi inaugurado em 1999, juntamente com diversos comércios antigos (inclusive muitos que não existem mais na cidade). Tal ocasião caberia claramente à lembrança e devida homenagem ao Mercado, que é a concretude do comércio mais livre e dinâmico, além de ser antigo, pois foi inaugurado em 1949. Entretanto, esse foi preterido.

Como ressalta Boni e Hoffman (2011, p. 151), “ao longo da história, as fotografias urbanas retratam – de modo abrangente ou fragmentado – a vida da cidade, seu crescimento e sua arquitetura”. Assim, como pode ter sido excluído de um compêndio da vida, crescimento e arquitetura de Governador Valadares, a Zona Boêmia e, principalmente, o Mercado Municipal? Pode tanto ter sido motivado por mero esquecimento, quanto pela vontade de esquecer ou apagar.

É importante observar que, ao se fazer tal questionamento, não se busca julgar ou atribuir falhas ao trabalho de Santos (2006), no qual o autor quis produzir um arquivo fotográfico abrangente da cidade. O que se busca é verificar se a área em estudo, dentro dos conceitos teórico-antropológicos de lugar e não-lugar, enquadra-se no primeiro ou no segundo conceito. Nesse sentido, Augé (1994) afirma que o lugar se trata de um local de pertencimento, em que o sujeito se reconhece, enraíza-se; já o não-lugar seria um local onde o sujeito não se reconhece, com o qual ele não se identifica, sendo locais de passagem.

Dentro desse contexto, analisou-se o livro escrito pelo historiador Haruf Salmen Espindola acerca dos 60 anos de história da Associação Comercial de Governador Valadares (ACGV). Em toda a obra, a única menção acerca do Mercado Municipal foi uma relacionada aos camelôs, vendedores ambulantes e bancas. É importante destacar que Espindola (1999) baseou-se nos registros documentais da ACGV – além dos de outros órgãos e entidades – bem como em fontes bibliográficas e até mesmo fontes orais.

Todavia, o Mercado aparece somente uma vez no livro, sendo citado quando no texto se faz referência à ocasião em que a ACGV estaria lutando para retirar camelôs, ambulantes e bancas do seu entorno, pois esses traziam prejuízos aos comerciantes. Tal fato deve ser destacado, na medida em que, atualmente, o maior evento da região do Mercado Municipal é a “feirinha” de domingo, onde ambulantes com barracas diversas tem a rua liberada com alvará para vender frutas, legumes, verduras, condimentos e artigos diversos. Logo, o Mercado tem seu dia de maior receita financeira exatamente quando se reúnem comerciantes do tipo que a ACGV queria se livrar em 1971.

Vale salientar que, se por um lado houve uma rápida menção ao Mercado no livro sobre a história da ACGV, por outro um aspecto da área em estudo aparece no texto através do “Torresmo”, nome dado a antiga zona boêmia do município, localizada nas proximidades das ruas São Paulo, Marechal Deodoro e Castro Alves. O autor contextualiza até a vegetação próxima da Zona Boêmia à época de Figueira<sup>7</sup>. Embora a Zona Boêmia ainda não houvesse se mudado para a região do Mercado no período tratado pelo autor, quando Espindola (1999) fala de sua existência na época em que o município era ainda um povoado – e apresentando o epíteto “Torresmo”, que foi preservado ao longo dos anos –, demonstra que, o “Torresmo” teria sido um lugar, ao invés de um não-lugar.

Outro autor que menciona o “Torresmo” nesse período é Fonseca (s. d.), diferente de Espindola (1999), em muitas passagens de sua obra deprecia a imagem do lugar, tratando-o como área suja e desordeira, que favoreceria a instalação e manutenção de atos criminosos.

Já Santos (2000) realiza uma descrição mais detalhada da região, utilizando os dizeres que seriam do Coronel José Geraldo Leite Barbosa, para quem o “Torresmo” era visto não só como a antiga Zona Boêmia dos tempos de Figueira, mas também como uma área que entretinha a vida noturna dos trabalhadores e até mesmo provia um pequeno turismo para a região: “A vida noturna do local, animada pelos trabalhadores endinheirados da Companhia Morrissson, (...), ganhara tal fama que muita gente vinha de longe exclusivamente para conhecer a parte boêmia da cidade” (SANTOS, 2000, p. 24). Dessa forma, o autor expõe outra percepção da Zona Boêmia, dando-lhe a condição de lugar, que na visão de Moreira e Hespanhol (2007), pode ser compreendido como uma construção social fundamentada em relações espaciais.

Quanto a este último aspecto, na busca pela temporalidade que correspondesse à Zona Boêmia naquela época, essa pode ser abstraída da obra de Roberto Drumond, “Hilda Furacão”, na qual as zonas boêmias de Belo Horizonte, no início da década de 1960, são descritas como casarões de luxo, o que equivaleria à descrição observada em Santos (2000) sobre os cabarés de “Dulce e Rosinha”.

<sup>7</sup> O distrito de Santo Antônio da Figueira foi criado em 1884, estando subordinado ao município de Peçanha. Em 1923, o distrito passou a se chamar simplesmente Figueira, passando à categoria de município com a mesma denominação no ano de 1937. Em 1938, o município passou a denominar-se Governador Valadares.

Em busca de outras informações que pudessem caracterizar espacialmente o território em estudo, procedeu-se ao levantamento de endereços, fornecidos pela Seção de Planejamento do Sexto Batalhão, que compõem o quadrilátero atualmente mais caracterizado como a crackolândia do Mercado Municipal, com base nos dados estatísticos daquela seção. Os endereços em questão integram a área que abrange as partes mais relacionadas à “cena de uso” em estudo e que caracterizam a crackolândia em sua dinâmica mais rotineira. Ressalta-se que a junção desses endereços forma um quadrilátero de formato retangular cuja reprodução em mapa é de suma importância para uma visualização georreferenciada desse espaço, conforme se vê na Figura 1.

Dentro deste cenário, nota-se que o Mercado Municipal ocupa um enorme espaço na região, sendo a edificação de maior área, o que provavelmente foi também no passado, uma vez que foi inaugurado no ano de 1949. Essa dimensão superior, aliada à sua movimentação pulsante desde os períodos antigos, permite pensar que a confluência dessas características influencie diretamente na dinâmica dos demais lugares que estão no seu entorno e proximidades.

Figura 1 - Vista aérea da região do mercado municipal de Governador Valdares.

Fonte: Google Earth, Digital Globe, Image, 2015.



Ainda nesse contexto, retoma-se o fato de que o bairro São Geraldo, localizado muito próximo daquela margem do Centro, é relativamente pobre e possui muitos traficantes, os quais provavelmente atendem com maior velocidade a necessidade de consumo dos usuários que frequentam o território em estudo. Embora a análise de dados seja o meio de dar mais concretude a essa suposição, deve-se entender que esta se apoia na análise mercadológica do tráfico de drogas, mais claramente definida por Minas Gerais (2002) como prevenção da demanda e da oferta de drogas.

Por esse prisma, percebe-se que a complexidade do estudo desse território, – que abrange atores sociais diversos com relações de poder, intencionalidades e recursos multivariados –, mesmo que priorizando a sua dimensão material, demanda a busca de conhecimentos em diversas fontes de dados e um adequado caminho metodológico. Diante disso, depois de realizada a descrição da área em estudo, torna-se necessário apresentar a análise dos dados filmicos com a metodologia empregada para obtenção dos resultados que foi utilizada para a produção da pesquisa.

## 2. Análise filmica e interpretação de seus resultados como uma alternativa metodológica

Apesar de, a rigor, a categoria filmica ser também do tipo documental, na pesquisa a que se refere este artigo, foram analisadas separadamente as imagens do vídeo monitoramento do Programa “Olho Vivo”, não só por sua especificidade que demanda uma metodologia diferenciada, mas também pelo próprio rigor ético que abrange os dados provenientes dessa categoria, tendo sido tomadas todas as medidas a fim de garantir o anonimato da população estudada.

Ainda com relação às filmagens, cumpre-se esclarecer que, diante da impossibilidade de verificar todas as gravações, tampouco por amostragem, uma vez que os recortes temporais da madrugada, manhã, tarde e noite, seriam demasiado extensos, optou-se por analisar todas as filmagens nas quais ocorreram apreensões e/ou prisões, ou aquelas que resultaram em envio – pelo Centro de Operações da Polícia Militar (COPOM), Central de

Monitoramento do Olho Vivo da 8ª RPM – de equipe policial ao local, apenas para averiguações.

Dentro dessa visão de inovação e multiplicidade dos métodos de análise, buscou-se analisar as filmagens disponibilizadas, aplicando, no que coube, o método de Hikiji (2012), com o intuito de estabelecer abstrações do território da crackolândia em estudo por meio das referidas imagens. Logo, a análise fílmica permitiu caracterizar a região, verificando as informações estatísticas com relação aos horários e locais de maior incidência, agregando ainda a caracterização dos usuários de drogas, a reação destes em relação a outros atores presentes e demais aspectos pertinentes, como por exemplo, os espaços mais utilizados para o consumo de crack.

Com esse objetivo, solicitaram-se as ocorrências com apreensões e/ou prisões, ou mesmo com apenas averiguações, pelas quais foram gerados empenho no de Monitoramento do Olho Vivo da 8ª RPM, obtendo-se 88 vídeos, referentes aos anos de 2013, 2014 e 2015<sup>8</sup>, somando aproximadamente 10 horas de imagens

Nesta seção são apresentadas somente imagens de três ocorrências do ano de 2013, apenas para exemplificação de como foram realizadas as análises da pesquisa e obtidos os resultados através desse trabalho, partindo-se, logo em seguida, para a seção final deste artigo, na qual foram apresentadas as conclusões e sugestões. Nesse sentido, com relação ao ano de 2013, insta salientar que foi o que teve menos mídias encontradas com relação à crackolândia objeto de estudo da pesquisa, sendo apenas 23 filmagens que, porém, tiveram grande importância para compreensão de aspectos relativos à complexa dinâmica da “cena de uso” de crack e outras drogas em questão.

Dentro desta lógica, a primeira filmagem trazida à discussão se refere a uma abordagem a usuários de drogas, registrada no BO 43498, cuja data é de 04/07/2013 e as imagens capturadas se referem ao período de 7h53min às 8h14min – duração de 19min58seg.

As imagens se deram na esquina da Rua José Luiz Nogueira com Rua Vereador Euzebinho Cabral (mas foram capturadas pela Câmera 862 na esquina da Rua Afonso Pena com Rua Vereador Euzebinho Cabral), em uma região que se convencionou chamar na presente pesquisa de região do “Lote Vago”, devido ao fato de ter um lote vago que, ao longo dos anos, se modificou. Tanto o lote quanto os demais componentes do local, em especial o muro do ambulatório do Hospital Bom Samaritano à direita e os depósitos à esquerda, aparentemente, fomentam a escolha dos usuários pelo local que pode ser visualizado abaixo, na Figura 2.

Figura 2 - Vista street view - Referência do “lote vago” - 2014

Fonte: COPOM - Central de Monitoramento do Olho Vivo



A região acima sofreu mudanças materiais ao longo dos anos, principalmente o lote vago que passou por várias transformações. Contudo, destaca-se por um olhar rápido na imagem acima que há mato e entulho no lote (lado direito), inexistência de entradas pela Rua Vereador Euzebinho Cabral, tanto para o galpão, quanto para o depósito do fórum (lado esquerdo) e uma estética perceptivelmente deteriorada.

Mais propriamente sobre a abordagem, como se observa na Figura 3, os usuários estavam reunidos e passavam objetos uns para os outros – isqueiros, “maricas”, etc. – tendo inclusive um aparente desentendimento entre eles, quando dois saem da “cena de uso” e, em seguida, a guarnição policial chega e aborda os dois que permaneceram no local:

Figura 3 – Usuários durante abordagem policial na região do “Lote Vago” – 2013

Fonte: COPOM - Central de Monitoramento do Olho Vivo



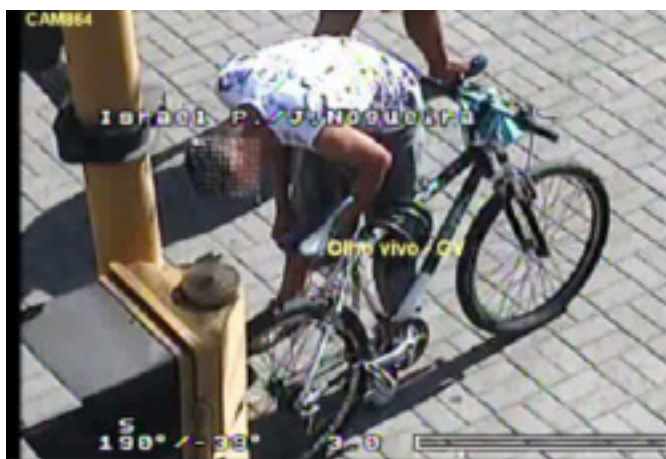
A imagem ilustra o momento em que a guarnição PM procedia à abordagem a dois usuários que permaneceram no local. É importante ressaltar que os usuários estão à esquerda da via, onde ficam os depósitos, lugar que muitas vezes é utilizado como estacionamento de Caminhões que acabam por obstruir a visão da câmera de monitoramento do Olho Vivo, impedindo a verificação do que está ocorrendo na região. À direita, fica o lote vago utilizado para homizio de pessoas e objetos ilícitos ou produto de crimes. Essa região é a mais utilizada pelos usuários, levando-se em conta todas as filmagens disponibilizadas. Provavelmente, isso tem relação com seus aspectos materiais.

Apresenta-se, a seguir, a análise de 03 (três) filmagens referentes a um indivíduo carregando uma bicicleta na região do Mercado Municipal, conforme BO 51095, do dia 06/08/2013, cujas imagens foram capturadas pelas câmeras 864, 866 e 867 – Rua Israel Pinheiro esquina com Rua José Luiz Nogueira, Rua Quintino Bocaiúva e Rua São Paulo, respectivamente.

Na Figura 4, verifica-se como a dinâmica acelerada da região do Mercado Municipal deixa as pessoas totalmente absorvidas em suas atividades cotidianas, de modo a nem sequer notarem as reiteradas tentativas de destrancar a bicicleta que ocorrem durante um período relativamente longo da primeira filmagem e a sua retirada do local.

Figura 4 – Indivíduo tentando destrancar bicicleta no Mercado Municipal GV – 2013

Fonte: COPOM - Central de Monitoramento do Olho Vivo



Dentro deste contexto, apresenta-se igualmente a Figura 5, abaixo, que ilustra o momento em que o indivíduo carrega a bicicleta com a roda de trás suspensa – pois continuava trancada – no meio do Mercado Municipal. As pessoas daquele lugar, entretidas em suas atividades cotidianas, simplesmente não o notam, de maneira que ele permanecesse invisível em meio a multidão. Nesse caso, depois de feita a abordagem policial, verificou-se que o indivíduo era mesmo o legítimo proprietário da bicicleta e apenas teve o cadeado emperrado. Entretanto, somente o “olho do Estado” por meio do Olho Vivo que o estava observando, uma vez que os olhos das demais pessoas estavam fixos somente\* na prática de seus cotidianos respectivos.

Deve-se salientar também que, durante a abordagem da Polícia Militar ao indivíduo que saiu carregando a bicicleta, as pessoas que passam começam a observar o que está acontecendo, dando a entender que, quando se tem uma ação do Estado, há o desencade-

Figura 5 - Indivíduo carregando bicicleta no interior do Mercado Municipal – 2013

Fonte: COPOM - Central de Monitoramento do Olho Vivo



Dentro desta lógica, para se verificar a possível relação de sustentabilidade entre o Mercado e a crackolândia em tela, torna-se oportuno apresentar o pensamento de Scott (1998) quando este fala do contraste entre a Brasília planejada e a consequente Brasília não planejada, aquilo que o planejamento não viu em princípio, porém que, de certa forma, sustentá-lo-ia:

The unplanned Brasília – that of the rich and that of the poor – were not merely a footnote or an accident; one could say that the cost of this kind of order and legibility at the center of the plan virtually required it be sustained by an unplanned Brasília at the margins. The two Brasília was not just different; they were symbiotic. (SCOTT, 1998, p. 130).

Por esse prisma, assim como se verifica uma relação de simbiose entre as “duas Brasília” mencionadas acima, há a necessidade de se verificar se existe também um processo mutualístico na perenidade da existência do território do crack ora estudado e o Mercado Municipal de Governador Valadares. A esse respeito, deve-se atentar para o fato de que os ambientes das famigeradas crackolândias implicam na confusão entre o público e o privado, uma vez que as ruas e praças apropriadas pelas cenas de uso estabelecem fronteiras – às vezes, muito mais simbólicas do que físicas – que separam, aproximam e ordenam os grupos sociais nas relações dentro daquele território.

Esse aspecto faz destacar o livro de Tomás Chiaverini, “Cama de Cimento”, como uma ferramenta útil de comparação, pois mesmo tendo como objeto de estudo a população em situação de rua, o autor se propôs fazer uma pesquisa com observação participante e entrevistas, conseguindo perceber a vivência da região da Sé, na cidade de São Paulo - SP, no período de 2005 a 2006. Fazendo uma observação acerca da população em situação de rua, o autor fala da justificativa da preferência daquela por se instalar na região central.

Nos arredores da praça, que formam o subdistrito da Sé, está a área de maior concentração de pessoas que moram na rua, mais de 800.

Eles preferem a região central, que oferece maiores possibilidades de bicos, facilidade de transporte, tem um comércio intenso com seu valioso lixo – que sempre rende papelão e latinhas – tem albergues e casas de convivência por perto e o tempo todo passam instituições religiosas ou bons samaritanos civis a distribuir comida nas quentinhas brilhantes, as cascudas, de papel laminado. E, nessas horas, todos se sentam para comer nas escadarias da catedral e dobram a tampa metálica em colheres improvisadas. (CHIAVERINI, 2007, p. 19 – grifo nosso).

Percebe-se acima que a indicação de preferência pela região central pela população em situação de rua coincide muito com algumas das preferências dos usuários de crack, até porque, muitos dos entrevistados no trabalho de Chiaverini (2007), usavam ou já usaram essa droga. Um exemplo categórico de tal semelhança é a latinha de alumínio que, como já explicado por Oliveira e Nappo (2008), é a principal “matéria-prima” para a confecção do cachimbo (“marica”) para o uso do crack. No caso de Governador Valadares, o Mercado e seus comércios circunvizinhos produzem uma quantidade enorme de latinhas e outros insumos – como garrafas PET, canos PVC, entre outros –, o que coincide perfeita-



<sup>9</sup> Expressão comumente utilizada pelos usuários de drogas com relação a dar a última tragada num cigarro de maconha.

Fig. 6 – Dois usuários conversando na região “Lote Vago” – 2013

Fonte: COPOM - Central de Monitoramento do Olho Vivo

mente com a descrição de possuir “um comércio intenso” e “seu valioso lixo”.

Dentro deste contexto, torna-se oportuna a apresentação de cena de indivíduos suspeitos próximos e dentro do “Lote Vago”, capturado pela Câmera 862 (Rua Afonso Pena com Rua Vereador Euzebinho Cabral), com 17min59seg duração, das 8h30min às 8h48min, do dia 20/07/2013, tendo rendido o registro do BO 47117.

No começo do vídeo (Figura 6), um usuário está do lado de dentro do lote vago em cima de um monte de entulho, conversando com um indivíduo melhor vestido que está fumando algo semelhante à maconha, do lado de fora do parco cercamento que restou do lote em questão. Nota-se que há muito lixo e entulho no lote, portanto, este é local mais viável de dispensar qualquer material ilícito, dificultando muito o encontro pela polícia. No seguimento da cena, o indivíduo passa o que ele fumava para uma mulher, a qual, aparentemente, “queima a última ponta”<sup>9</sup> e a lança no chão em seguida. A Figura 7 mostra o momento em que a mulher está procedendo ao referido uso.



Percebe-se ao fundo mais um indivíduo junto a alguns trapos, provavelmente também usuário, porque depois os demais se juntam a ele por um tempo. Nesse quarteirão, poucas pessoas, além dos usuários, transitam, mesmo estando a apenas dois quarteirões do Mercado Municipal e em plena manhã de sábado (20/07/2013), com o comércio funcionando a todo vapor. Por esse prisma, abstrai-se o uso quase exclusivo pelos usuários de drogas desta parte do território da crackolândia.

Fig. 7 – Usuária fumando “maconha” na região do “Lote Vago” – 2013

Fonte: COPOM - Central de Monitoramento do Olho Vivo



Diante da análise das mídias do ano de 2013, em comparação com as demais fontes bibliográficas e documentais, a hipótese principal de que o território da crackolândia em estudo é formado principalmente por seus aspectos materiais, cujas condicionantes ambientais contribuíram para sua depreciação histórica, perpetuando a sua condição de lugar à margem da sociedade e, principalmente, de periferia da área central, foi até então corroborada. Principalmente, com relação à área do “Lote Vago”, que se tornou tão marginalizada, ao ponto de ser quase que de uso exclusivo dos usuários de crack.

Com relação ao ano de 2014, este teve 27 mídias relacionadas à crackolândia objeto de estudo deste trabalho, sendo 04 mídias a mais do que 2013, o que lhe deu relevância comparativa com este, por ter um número semelhante de imagens em um mesmo período

de tempo, auxiliando na análise dos movimentos da área investigada. Como forma de se estabelecer o padrão de uso de 2014, dentro do Quadrilátero da crackolândia em estudo, tendo como parâmetros a área do “Lote Vago”, a incidência em dias de domingo, e outros aspectos afins, procedeu-se a uma contabilidade dos vídeos.

Primeiramente, o número de vídeos da região do “Lote Vago” foi de 22 num total de 27, o que demonstra que em 2014 o local se consolidou ainda mais como o principal ponto do Quadrilátero da Crackolândia. Em segundo lugar, a quantidade de vídeos do Quadrilátero em dias de domingo, foi de 06 num total de 27,(22%) demonstrando uma relação com a feira do Mercado, uma vez que há carros estacionados nas proximidades e alta incidência de recursos, como o lixo que pode ser utilizado pelos usuários e até mesmo pela circulação de pessoas que reduz a exposição do uso explícito de drogas.

Primeiramente, deve ser ressaltado que o número de vídeos da região do “Lote Vago” foi de 22 num total de 27 (81,5%), o que demonstra que, em 2014, o local se consolidou ainda mais como o principal ponto de ocorrências relacionadas ao uso de drogas no Quadrilátero da Crackolândia. Outro dado relevante é o fato de que o dia da semana com maior número de vídeos foi o domingo, com seis vídeos (22,2%). Isso reforça a relação, já exposta acima, com a feira do Mercado – aumento do número de carros estacionados e de pessoas circulando nas proximidades, o que reduz a exposição do uso explícito de drogas, além da grande quantidade de lixo que pode ser utilizado pelos usuários.

É importante salientar que a Câmera 862 foi a mais exigida, pois abrange a região do “Lote Vago”, que é a parte mais ativa da crackolândia com base nas filmagens (22 vídeos), e também a frente do comércio de gás (José Luiz Nogueira esquina com Afonso Pena), onde se teve 02 incidências de usos de crack filmados à noite no primeiro semestre de 2014. Com relação a esse aspecto, destaca-se que dos 27 vídeos de 2014, apenas 05 foram de ocorrências durante a noite ou madrugada.

Com relação ao ano de 2015, cumpre salientar que, apesar dos vídeos se referirem somente aos três primeiros meses (janeiro, fevereiro e março), encontraram-se mais mídias para esse curto lapso de tempo (38 vídeos) – na pesquisa de ocorrências diversas relacionadas à crackolândia em estudo – do que para os anos de 2013 (23 vídeos) e 2014 (27 vídeos). Por não se dispor de informações sobre todo o ano de 2015, buscou-se somente verificar a tendência de manutenção ou não do padrão identificado nos dois anos anteriores.

Diante das mídias do primeiro trimestre de 2015, foi possível afirmar que há uma tendência de continuidade de alguns aspectos, como os usos temporários (dia e noite) do lugar, e de modificação de outros, por exemplo, a fortificação do tráfico de drogas dentro do Quadrilátero, seja praticado por usuários, seja por ponto de tráfico. É importante notar que apesar de haver uma evolução de práticas no tráfico de drogas na região – de apenas próximo para exatamente dentro do Quadrilátero –, ao longo do recorte temporal estudado, percebe-se que em todo o período se somaram indícios de corroboração à hipótese principal desta pesquisa. Verificou-se que a influência dos aspectos materiais e condicionantes ambientais na dinâmica do uso, inclusive nas territorialidades variadas com os usos diferenciados do espaço físico no dia e na noite, foi notada durante a discussão.

Por essas constatações de territorializações mais flexíveis, que admitem multifuncionalidade territorial, intercalação de territórios, com usos temporários entre o dia e a noite, como se vê em Souza (1995) e Haesbaert (2014), percebeu-se que o território da crackolândia é mais ativo durante o dia, mas também teve algumas movimentações à noite e de madrugada, até mesmo com ocorrência de roubo. Da mesma forma, é um território que prepondera a presença de usuários, porém existe, outrossim, permeação de traficantes, dentro da dinâmica mercadológica de oferta e demanda de drogas, conforme já discutido.

Constataram-se, igualmente, não só a expansão de pessoas de bairros circunvizinhos usando mais crack e outros derivados de cocaína, mas também a própria movimentação dos usuários para fugir da fiscalização decorrente do patrulhamento da PM, ou até mesmo das câmeras do Olho Vivo. Quanto a este último, verificou-se que os usuários, seja consciente ou inconscientemente, aproveitavam-se da presença de caminhões como obstáculos, com o objetivo de se esconderem das câmeras de monitoramento.

Por esse raciocínio, a análise filmica complementou a documental, trazendo mais indícios de confirmação da hipótese principal da presente pesquisa, com relação à crackolândia ser influenciada principalmente por seus aspectos materiais.

### 3. Considerações finais

Visando a responder ao objetivo principal deste trabalho, que é o de verificar como se configura o território da crackolândia objeto de estudo, ou seja, a “cena de uso” próxima ao Mercado Municipal de Governador Valadares, elaborou-se a hipótese principal de que o território da crackolândia em estudo seria formado principalmente por seus aspec-

tos materiais, cujas condicionantes ambientais contribuíram para sua depreciação histórica, perpetuando a sua condição de lugar à margem da sociedade e, principalmente, de periferia da área central, sendo tal hipótese confirmada pelos resultados da pesquisa.

Diante dos resultados obtidos neste trabalho, deve-se primeiramente observar um viés sugestivo que as políticas públicas – como o programa “Crack É Possível Vencer” – sejam pautadas em critérios e princípios de Estado, e não de governo, de modo que se perdurem, enquanto forem necessárias, independentemente de questões partidárias.

No âmbito de intervenções locais, sugere-se igualmente que se proceda à orientação cognitiva de prevenção criminal dos comerciantes do Mercado, no que se refere a orientá-los a darem uma destinação melhor ao lixo de seus estabelecimentos ou barracas, de modo a prevenir o seu uso desse como recurso por usuários de crack e outras drogas. Ainda nesse sentido, a prefeitura poderia auxiliar com maior número de coletas de lixo na região do Mercado Municipal, o que já tem sido feito após a feira de domingo, melhorando inclusive o mal cheiro e o aspecto de sujeira da região. Portanto, sugere-se que haja continuidade e expansão para os demais dias da semana.

Dentro desta mesma lógica, com base nos estudos territoriais, sabe-se que um local pode, por meio de conexões e interconexões, influenciar ao nível inclusive multiescalar. Assim, faz-se a sugestão de que os lotes vagos e casas abandonadas da região, que influenciam diretamente na dinâmica de “cena de uso” de crack e outras drogas, sejam todos devidamente cercados e regularizados, tendo em vista serem não só fonte de fornecimento de recursos aos usuários, mas também foco de proliferação de doenças por meio do acúmulo de entulho e sujeira.

Contudo, essa última sugestão deve ser vista de maneira integrada com outras intervenções, no sentido de que os procedimentos de alterações físicas, como limpeza e cercamento de espaços, não devem ser dissociados de um trabalho articulado em redes intersetoriais, sob pena de transparecer um cunho higienista. Assim, é necessário destacar que essa medida tem de ser concomitante ao trabalho articulado com a rede suporte de apoio aos usuários, de modo que não se transfira, simplesmente, o problema para outra região por meio da supressão de recursos locais, mas, ao invés disso, que se busque sua solução conjunta.

Nesse mesmo diapasão, sugere-se proibição de estacionamento de veículos pesados no lado esquerdo (lado dos depósitos) da Rua Vereador Euzebinho Cabral entre os quarteirões da Afonso Pena e Bárbara Heliodora – região do “Lote Vago”, na medida em que aqueles ocultam as ações dos usuários de drogas da visão das câmeras de monitoramento do Olho Vivo e, conforme dados desta pesquisa, os frequentadores da crackolândia, consciente ou inconscientemente, utilizam-se dessa vantagem de ocultação dos olhos do Estado. Tal circunstância deve ser vista com gravidade, na medida em que, da mesma forma que tem se escondido a prática de uso de drogas, podem vir a praticar delitos mais graves e não serem flagrados.

Por fim, com base na visão de Haesbaert (2014) – de que inexistente atividade, mesmo que material, que não seja ao mesmo tempo produtora de símbolos e sentidos –, com o objetivo de superar dicotomias que muitas vezes causam visões de mundo maniqueístas e prejudicam a compreensão de fenômenos, sugere-se que se proceda a uma pesquisa do território objeto de estudo deste trabalho dentro da perspectiva simbólico-cultural.

## Referências

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BARROS, Sandra Augusta Leão. O que são os bairros: limites político-administrativos ou lugares urbanos da cidade? O caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Recife: Imprensa Universitária UFRPE/Fapesp, 2004.

BONI, Paulo César; HOFFMAN, Maria Luisa. Guardiã de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 147-164, jul./dez. 2011.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer / Michel de Certeau; 17. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHIAVERINI, Tomás. Cama de cimento: uma reportagem sobre o povo das ruas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, 243 p.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. História da Associação comercial de Governador Valadares. Governador Valadares: ACGV, 1999, 198 p.

FONSECA, José Raymundo. Figueira do Rio Doce. Governador Valadares, 198-[?].

GONÇALVES, José Roberto. Memória e pertencimento: a Vila Castelo Branco no espaço urbano de Campinas. In: RESGATE (12), Combates & Rituais, 2003, pp. 123-132.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Imagem-violência: etnografia de um cinema provocador. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, 200 p.

LUNARDI, João. Análise dos homicídios em Governador Valadares no período de 2006 a 2010: a espacialização dos delitos como forma de parametrização das ações preventivas. 2011.

MINAS GERAIS, Polícia Militar. Comandante-Geral. Diretriz para Produção de Serviços de Segurança Pública n. 03/2002. Comandante-Geral – Atuação da PMMG na Prevenção ao Uso e Tráfico de Drogas. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, 2002. 31 p.

MINAS GERAIS, Polícia Militar. Instrução □ 014/2014 - 8ª RPM. Estabelece diretrizes para a gestão do policiamento setorializado em Governador Valadares. Governador Valadares: Comando da 8ª Região, 2014a, 29 p.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. Revista Formação, nº 14 volume 2 – p. 48-60, 2007.

OLIVEIRA, Lúcio Garcia de; NAPPO, Solange Aparecida. Crack na cidade de São Paulo: acessibilidade, estratégias de mercado e formas de uso. Rev. Psiquiatr. Clín. Vol.35 no. 6. São Paulo, 2008.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo, Ática, 1993.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção 1926-2001. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Parajara dos. O Katzensprung: Crônicas de fatos reais com personagens reais. Governador Valadares: s/ed., 2000.

SANTOS, Parajara dos. 100 anos de fotografias: História fotográfica de Governador Valadares. Governador Valadares: Governador Valadares: s/ed., 2006.

SCOTT, James. The High-Modernist City: An Experiment and a Critique. In: \_\_\_\_\_. How certain schemes to improve the human condition have failed. p. cm. – (Yale agrarian studies) (The Yale ISPS series), 1998, pp. 103-146.

SOUZA, M.L.. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. et al. (org.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.